

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
CURSO DE TRADUÇÃO**

POLIANA PALHARES DE RESENDE



**A “CARTA ABERTA SOBRE TRADUÇÃO” DE LUTERO E A
TEORIA DA EQUIVALÊNCIA DINÂMICA DE NIDA: UM BREVE
DIÁLOGO**

Uberlândia/MG

2019

POLIANA PALHARES DE RESENDE

**A “CARTA ABERTA SOBRE TRADUÇÃO” DE LUTERO E A
TEORIA DA EQUIVALÊNCIA DINÂMICA DE NIDA: UM BREVE
DIÁLOGO**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharel em Tradução.

Orientador: Professor Dr. Stéfano Paschoal.

Uberlândia/MG

2019

POLIANA PALHARES DE RESENDE

**A “CARTA ABERTA SOBRE TRADUÇÃO” DE LUTERO E A
TEORIA DA EQUIVALÊNCIA DE NIDA: UM BREVE DIÁLOGO**

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Banca de Avaliação:

Prof. Dr. Stéfano Paschoal – UFU
Orientador

Prof^a. Dr. Francine de Assis Silveira – UFU
Membro

Prof. Dr. Ivan Marcos Ribeiro – UFU
Membro

Uberlândia (MG), 08 de julho de 2019

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus que me deu energia para vencer os incansáveis dias escrevendo esse trabalho e tranquilidade para superar todos os desafios que tivemos no percurso. Agradeço também à minha mãe, Edilaine, minha irmã, Paula, meu pai, Paulo e meu namorado, Fernando, por sempre me apoiarem, por serem pacientes comigo e por tolerarem os dias quando o estresse atingiu minha mente. Em especial, quero agradecer minha avó, Elita, por sempre interceder por mim em suas orações e rezar por mim durante toda minha formação acadêmica, sem ela, tenho certeza que nada disso seria possível. Agradeço também a todos os meus professores e colegas com quem tive o privilégio de dividir as enriquecedoras discussões em sala de aula e que foram essenciais ao longo da graduação. Por fim, obrigada ao querido professor Stéfano Paschoal pela excepcional orientação, nossos encontros semanais foram sempre muito produtivos e essenciais para a conclusão deste trabalho.

Resumo

A tradução de textos sensíveis, como a Bíblia Sagrada, sempre foi escopo de várias discussões nos Estudos da Tradução, abordando assuntos como a fidelidade aos textos originais. Este trabalho tem o objetivo de exibir os conteúdos da Carta Aberta sobre Tradução (*Sendbrief vom Dolmetschen*) (1530) de Martinho Lutero e relacionar estes tópicos com pontos apresentados na teoria da equivalência dinâmica de Eugene Nida (1969). Além disso, pretende demonstrar que os relatos de um tradutor da Renascença dialogam com aspectos discutidos na Modernidade. Embora essa carta não constitua um documento que contenha uma teoria tradutória específica, seus relatos abordam questões caras à equivalência em tradução que remetem aos estudos de Nida. Dessa forma, este trabalho é composto de três capítulos: o primeiro trazendo uma abordagem geral da carta com o intuito de demonstrar os temas relevantes à tradução; o segundo apresentando a teoria da equivalência de Nida; e o terceiro o diálogo entre as ideias de Lutero e as considerações de Nida.

Palavras-chave: Teoria da Equivalência. Martinho Lutero. Bíblia Sagrada. Estudos da Tradução.

Abstract

The discussion's range about translating sensitive texts, such as the bible, has always been wide in Translation Studies considering questions as the fidelity to original texts. This paper aims to exhibit the contents of the "An Open Letter on Translating" (*Sendbrief vom Dolmetschen*) (1530) of Martin Luther and, also, aims to relate these contents to the dynamic equivalence theory of Eugene Nida (1969). Furthermore, this article intends to demonstrate that the reports of a translator in Renaissance dialogue with aspects in Modernity. Although this letter is not a document with a specific translation theory in it, its reports carry significant issues to equivalence in translation, which are related to Nida's study. Thus, this paper is composed of three chapters: the first focus on a general approach of the letter aiming to consider important topics to translation; the second focus on Nida's equivalence theory; and the third focus on the dialogue between Luther's ideas and Nida's considerations.

Keywords: Equivalence Theory. Martin Luther. The Holy Bible. Translation Studies.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Romanos, 3:28.....	18
Tabela 2 – Mateus, 12:34.....	20
Tabela 3 – Lucas, 1:28.....	22
Tabela 4 – Daniel, 10:12.....	24
Tabela 5 – João, 6:27.....	26
Tabela 6 – Romanos, 1:5.....	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. A CONCEPÇÃO TRADUTÓRIA DE LUTERO	12
3. A EQUIVALÊNCIA DINÂMICA DE NIDA E SUAS CONSIDERAÇÕES	28
4. UM BREVE DIÁLOGO	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar os conteúdos sobre tradução da Carta Aberta sobre Tradução (*Sendbrief vom Dolmetschen*) (1530) de Martinho Lutero, e traçar relações entre estes conteúdos e tópicos abordados na teoria de equivalência dinâmica de Eugene Nida, buscando assim um diálogo entre Renascença e Modernidade. Utilizamos em nosso trabalho a tradução do Prof. Mauri Furlan, da Universidade Federal de Santa Catarina, publicada na Antologia Bilíngue, v. 4, 2006.

A Carta Aberta de Lutero não pode ser suficientemente considerada uma teoria de tradução, mas constitui um importante relato que revela aspectos da tradução luterana em conformidade com algumas teorias da tradução de base retórica, vigentes à sua época.

Como mencionado, o objetivo é traçar um diálogo entre os relatos de Lutero sobre tradução e a teoria da equivalência dinâmica de Eugene Nida. A comparação dos ensinamentos sobre tradução nos dois autores demonstrará que os temas de questões caras à tradução são constantes e sua apresentação e discussão dá-se em épocas distintas, ou seja, estes temas ocorrem em momentos distintos da história da tradução.

A tradução bíblica possui uma série de especificidades, a começar pelas considerações sobre um texto original: para muitos tradutores, em épocas remotas, e para a maioria dos leitores, o original é imbuído de autoridade inquestionável, devido à atribuição de sua criação a Deus, ou seja, a Bíblia Sagrada é a palavra de Deus e, por essa razão, o rigor na tradução do texto sagrado deveria, em tese, ser maior no tocante à fidelidade.

Assim, a tradução da Bíblia Sagrada é classificada num âmbito ou gênero denominado “textos sensíveis”, sobre o que discorreremos posteriormente. Nas últimas décadas, o ponto de vista de alguns tradutores - e mesmo intérpretes da palavra (bíblia) – tem se alterado um pouco e, por conseguinte, tem-se buscado analisar os textos bíblicos alinhados à produção literária e cultural da época em que foram concebidos. Isto gerou um comportamento diverso em relação a estes textos: as correntes que defendem tratar-se da palavra de Deus exigem fidelidade absoluta ao “original”, mesmo que isso provoque mais ruídos que comunicação; as correntes que defendem tratar-se de textos que seguem, de modo geral, as tendências – também as estilísticas – da literatura produzida à época, lidam com o texto bíblico de modo menos rigoroso, quando o assunto é fidelidade ou tradução literal.

Os textos sensíveis podem ser considerados como aqueles textos os quais possuem temas que abordam questões delicadas para a sociedade, como a Bíblia Sagrada e textos que tratam sobre assuntos como preconceito e política. Os tradutores que escolhem trabalhar com a literatura sensível possuem um trabalho melindroso de tentar traduzir sem afetar o leitor desses textos de uma maneira ruim. Os “leitores sensíveis” (ou sensitivity reader) são classificados, de acordo com a Folha de São Paulo, por características como cor da pele, nacionalidade, orientação sexual etc., e nessas características encontra-se também a orientação religiosa, tendo como foco os livros sagrados para cada religião.

A tradução da Bíblia Sagrada de sua língua original para as línguas vernáculas sempre foi uma prática comum, geralmente justificada pelo fato de que os fiéis deveriam ter acesso à Sagrada Escritura. Antes da invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, em 1439, o que tornou mais rápida e menos onerosa a produção de livros, a difusão da Bíblia Sagrada – o primeiro livro impresso publicado por Gutenberg – era restrita. Também as obras literárias eram escritas à mão e demoravam meses ou anos até sua publicação.

A tradução bíblica começou antes mesmo da Era Cristã (Antigo Testamento). De acordo com a Sociedade Bíblica do Brasil, a mais antiga tradução de que nos restam documentos é a tradução do Antigo Testamento, do hebraico para o grego. A esta versão realizada por volta de 200-300 a.C. dá-se o nome de Septuaginta. O nome é uma referência a um caso lendário da reunião de aproximadamente setenta eruditos (daí o nome Septuaginta), traduzindo, num mesmo lugar e ao mesmo tempo, o Antigo Testamento. Narra a lenda que os textos traduzidos dos setenta eruditos eram iguais, provavelmente com a finalidade de manter o *status* de autoridade da versão. Posteriormente, já na Era Cristã, São Jerônimo¹ traduziu a Bíblia Sagrada do grego para o latim. Trata-se da *Vulgata*, versão amplamente utilizada no Ocidente.

A primeira tradução de que temos notícia para língua inglesa foi realizada por John Wycliffe, em 1330. Já na Alemanha, a tradução bíblica que mais se difundiu – embora não tenha sido a primeira delas – foi a de Martinho Lutero, de 1522. Sua ampla difusão deve-se, dentre outros motivos, à questão político-teológica à época, a saber, a Reforma Luterana, e

¹ São Jerônimo é considerado o padroeiro dos tradutores. Ele foi teólogo e historiador e é considerado Doutor da Igreja Católica. Seu legado é a tradução da *Vulgata*, tradução da Bíblia Sagrada do grego para o latim.

à formulação de um texto que privilegiava a proximidade do público-alvo por meio da observância às propriedades da língua para a qual ele traduzia, o alemão.

Lutero não foi propriamente um teórico da tradução, embora seus relatos estejam em consonância com as teorias tradutórias vigentes à sua época. Sua tradução continha, como informamos, um viés político-teológico. O reformador partia do pressuposto de que todas as pessoas tinham o direito ao acesso à palavra de Deus.

Como grande idealizador da Reforma Protestante, Lutero propôs noventa e cinco teses que contradiziam as práticas dos membros do clero católico. Dentre as teses mais importantes, destacou-se, principalmente, a afirmativa da fé cristã como único caminho para a salvação eterna e a Bíblia Sagrada como única fonte para a fé. A primeira delas – a fé como único caminho para a salvação – é apontada e discutida em sua Carta Aberta. A segunda justifica sua tradução, pois, no século XVI, em que viveu, além de pouquíssimas pessoas terem acesso à formação, que se resumia ao estudo das sete artes liberais², todo o ensino, de colégios e universidades, era em latim. Sua tradução, neste ponto, contém dois expedientes políticos: o primeiro, permitir que todos os fiéis tivessem acesso à palavra, podendo assim exercer sua fé; o segundo, de que a língua alemã era capaz de expressar tudo o que nela se desejasse dizer, na verdade, um expediente que perduraria durante praticamente todo o século XVII.

Podemos dizer que a importância de Lutero se dá por dois papéis que assumiu na história da Alemanha (à sua época, o país não conhecia unidade política, que veio a ocorrer apenas em 1871 sob Otto von Bismarck): teólogo reformador e tradutor.

A tradução bíblica de Lutero, que lhe rendeu críticas do clero católico, valorizava, como expediente político – conforme mencionamos – o público-lector, ou seja, foi realizada “imitando” o modo de falar do homem alemão simples: isto diz respeito ao desejo de reproduzir em seu discurso formas próprias à idiomática de língua alemã, mas também privilegia o público-lector, como vemos em:

Lutero impõe sua presença como tradutor “doutor”³, contrapondo à visão agostiniana sobre o resgate do significado transcendental, da ‘Palavra de Deus’,

² As sete artes liberais eram divididas no *trivium*, que abrangia Gramática, Retórica e Dialética; e *quadrivium*, que abrangia Astronomia, Aritmética, Geometria e Música. Lutero foi também responsável por mudanças no currículo das *Lateinschulen* alemãs.

³ Lutero se refere a si mesmo como doutor em sua carta.

sua própria visão quanto à ‘correta’ interpretação do sentido do original. E, ao dar a si mesmo o lugar de ‘leitor’ privilegiado, ele advoga também para o leitor da tradução o direito de compartilhar de sua mesma compreensão. Daí a defesa apaixonada do uso da língua nacional do modo como é falada, respeitando a sua “propriedade”. (SOUZA, 2010, p. 78)

No trecho acima observamos que, para Lutero (tradutor), é realmente relevante a forma com que a língua é “realizada”, com toda sua dinamicidade e propriedade, pelos falantes nativos de alemão. Algumas vezes, os trechos da Carta Aberta nos dão a impressão de que a única preocupação é com a propriedade da língua. Outros estudos, contudo, mostram que a preocupação com o público-lector procede. Bastos (2015) afirma:

Para Lutero, a tradução não deve desconsiderar o mundo (cultura) também daqueles para quem o texto traduzido está sendo oferecido. Traduzindo o Novo Testamento do grego para o alemão, ele tinha a preocupação de que o texto final pudesse ser bem compreendido por seus/suas ouvintes: a criança que brinca na rua, a dona de casa e o homem simples do mercado. Ele recomendava que o tradutor não focasse na complexidade da língua da qual se traduz, mas sim na forma como o povo se expressava. A Bíblia traduzida tinha que “falar a língua do Povo”. (BASTOS, 2015)

Bastos (2015) é diretor do seminário metodista César Dacorso Filho, e, em sua leitura, busca definir Lutero como tradutor a partir dos relatos na Carta Aberta. Segundo ele, Lutero se mostra como um tradutor preocupado com o público alvo, pois sua intenção era que todas as pessoas comuns da Alemanha pudessem ler as escrituras. Para Lutero, era importante considerar os aspectos específicos da cultura da população e, para isso, foi necessário observar o alemão falado por essas pessoas: a dona de casa, os meninos na rua e os homens no mercado. Ponderemos que essas conjecturas são interpretativas, ou seja, em nenhum momento de seus relatos, Lutero afirma ter essa preocupação.

Embora a Carta Aberta não constitua um documento que contenha em si uma teoria específica de Tradução, é possível perceber, ainda que superficialmente, que seus relatos abordam questões caras à equivalência em tradução. Tais questões nos remetem a uma teoria de tradução bastante posterior à época da Carta: a teoria das equivalências, de Eugene Nida, em que as equivalências são divididas (e classificadas) em equivalência dinâmica e equivalência formal. Existem alguns trabalhos que buscam a aproximação entre os relatos de Lutero e os conceitos de equivalência, como a dissertação de mestrado *Sendbrief Vom Dolmetschen de Martinho Lutero*, de Luciane Reiter Fröhlich (UFSC), em que se destaca a

noção de equivalência, buscando-se um alinhamento com a teoria das equivalências de Catford⁴.

A definição de equivalência proposta por Nida distingue-se daquela de Catford, já que, para Nida, “traduzir consiste em reproduzir na língua do receptor o equivalente mais natural possível da mensagem da língua de partida, primeiramente em termos de significado e, posteriormente, em termos de estilo⁵” (NIDA, 1969, p. 12, tradução minha). Para Catford, trazendo uma abordagem mais linguista, a equivalência é apresentada como “como a substituição de materiais textuais de uma língua por materiais equivalentes em outra língua” (CHANUT, 2012, p.47).

Nida apresenta uma equivalência que consiste em reproduzir a mensagem da língua-fonte o mais natural possível, em que o sentido tem significado superior à correspondência formal. A esse respeito, Kim (2015), destacado teórico da Tradução, afirma:

Assim sendo, Nida acredita que um texto traduzido deve possuir um significado imediato – de forma inteligível – para os leitores do texto-alvo, e que é necessário extrair-se uma reação equivalente do receptor. Em suas palavras, “a inteligibilidade não deve ser mensurada meramente por meio do fato de as palavras poderem ou não ser compreendidas e as sentenças serem elaboradas gramaticalmente, mas levando-se em consideração o impacto total que a mensagem tem sobre aquele que a recebe” (Nida 1969:22). Para Nida, o significado é dependente do contexto, e os receptores de contextos histórica e culturalmente díspares podem chegar a significados distintos e provavelmente exibirão reações não-equivalentes. Baseado nesta observação, Nida enfatiza a superioridade da equivalência dinâmica sobre a correspondência formal e afirma que o foco da tradução deve alterar-se da forma da mensagem para a reação do receptor.⁶ (KIM, 2015, p. 61)

Nida acredita que o sentido depende do contexto e que os leitores de variados contextos culturais receberão um mesmo texto de maneiras diferentes. Assim como Lutero, Nida destaca que o texto deve se atentar à recepção do leitor – são as partes da Carta em que

⁴ “Translation equivalence occurs when an SL and a TL text or item are relatable to (at least some of) the same features of substances” - A equivalência ocorre quando um texto ou termo da língua-fonte e da língua-alvo se relacionam às mesmas características de um conteúdo (tradução da autora).

⁵ Translating consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style.

⁶ As such, Nida believes that a translated text should have an immediate meaning—intelligibility—for the target text readers and that an equivalent receptor response must be elicited. In his words, “intelligibility is not to be measured merely in terms of whether the words are understandable and the sentences grammatically constructed, but in terms of the total impact the message has on the one who receives it” (Nida 1969: 22). For Nida, meaning is context-dependent, and receptors from disparate historical-cultural contexts may arrive at different meanings and will probably display non-equivalent responses. Based on such observation, Nida stresses the priority of Dynamic Equivalence over Formal Correspondence and claims that the focus of translation should shift from the form of the message to the response of the receptor.

discorre sobre sentenças que julga ininteligíveis a um alemão, como, por exemplo, a expressão “cheia de graça” (“voll der Gnade” na tradução católica e “holdselige” na tradução luterana). De acordo com o teórico, é importante manter o sentido a fim de que o leitor possa entender com clareza aquilo que o texto comunica. Diversos teóricos posteriores a Lutero discutem o assunto da equivalência, como é o caso de Chanut (2012) que, com base nas discussões acerca de equivalência, discorre sobre o papel do tradutor:

A noção de equivalência é, de qualquer forma, partilhada pelos linguistas e teóricos da tradução. Os linguistas a associam à língua enquanto sistema e estudam suas diferentes estruturas e funções. Quanto aos teóricos da tradução, eles põem a equivalência no plano do discurso e a percebem como fruto da interação entre o tradutor e seu texto. Desse modo, a operação tradutória é considerada como um processo dinâmico de produção e não como um simples processo de substituição de estruturas ou de unidades preexistentes em uma língua por aquelas de outra língua. A equivalência ideal seria, portanto, aquela que, em uma situação de assimetria, permitiria ao texto de chegada funcionar ou ter uma utilidade, uma finalidade prática na cultura receptora da tradução. (CHANUT, 2012, p. 48).

De acordo com Chanut (2012), o tradutor possui um papel dinâmico, que privilegia a tradução em detrimento de uma mera substituição de estruturas de uma língua para outra, já que, dentre outros aspectos, deve observar e considerar o público-alvo com suas peculiaridades linguístico-culturais: ao proceder assim, o seu texto será pleno de sentido e clareza na língua de chegada, sem causar qualquer tipo de ruído ocorrido por uma proximidade exagerada às estruturas (correspondência formal) do texto de partida. Na Carta, Lutero defende a ideia de que o sentido deve ser mantido, e que a proximidade de estruturas do original não pode prejudicá-lo. No capítulo I, o tema será discutido, ao expormos o trecho em que Lutero pondera sobre manter-se ou não próximo às letras latinas quando traduz.

Este trabalho é composto de três capítulos: no primeiro capítulo, apresentaremos uma abordagem geral da carta com o intuito de demonstrar os temas relevantes à Tradução ali tratados; no segundo capítulo, abordaremos a teoria da equivalência de Nida; no terceiro capítulo, relacionaremos as ideias presentes nos relatos de Lutero às questões sobre equivalência, na teoria de E.Nida, chegando, assim, ao diálogo proposto neste trabalho.

2. A CONCEPÇÃO TRADUTÓRIA DE LUTERO

Neste capítulo iremos demonstrar, apoiados na *Carta Aberta sobre Tradução*, a concepção tradutória de Lutero. Como um conjunto de relatos, este texto luterano não teve

a pretensão de constituir ou fundar uma teoria de tradução, e nem este trabalho tem o objetivo de colocá-lo no patamar de uma teoria de tradução. É certo, contudo, que a natureza dos relatos sobre a tradução bíblica realizada por Lutero vai ao encontro da concepção de muitos outros autores de seu tempo, também tradutores.

Não obstante a coincidência da concepção de tradução de Lutero com outros relatos, diálogos ou corpus teórico de sua época – todos de base retórica –, escolhemos discutir o teor de sua concepção quanto às equivalências em tradução, matéria de uma teoria bastante posterior.

A concepção luterana de tradução constante dos relatos em sua Carta Aberta sobre Tradução envolve mais de uma matéria. Por essa razão, optamos, neste capítulo, por uma demonstração dos trechos mais relevantes para a tradução, ou seja, aqueles que envolvem diretamente matéria relativa à tradução (em oposição a matérias teológicas), separando-os por assuntos ou temas.

A seguir, uma apresentação concisa do panorama histórico que abriga a escritura da *Carta* e dos trechos sobre tradução, todos seguidos de comentários.

Martinho Lutero (1483-1546) é considerado o fundador da Reforma Protestante. Ele foi um monge agostiniano alemão, doutor em Teologia pela Universidade de Wittenberg, dedicou-se a estudar a Bíblia Sagrada e mostrava-se contrário a várias práticas da Igreja Católica, principalmente à doutrina das indulgências.

Contribuiu para a Reforma o processo de centralização monárquica, dominante na Europa desde o final da Idade Média, que tornava tensa a relação entre reis e Igreja. A Igreja Católica centralizava o poder exercido sobre a população e recebia tributos feudais controlados em Roma pelo papa. Com o fortalecimento do Estado Nacional Absolutista,⁷ tal prática passou a ser questionada pelos monarcas que desejavam reter estes impostos no reino. Os camponeses também estavam descontentes com a Igreja. Na Alemanha, os mosteiros e bispados possuíam imensas propriedades. Muitas vezes, os bispos e os abades viviam à custa dos trabalhadores da cidade e dos campos.

⁷ Também chamado de Absolutismo, é caracterizado por concentrar o poder e a autoridade no rei e em alguns colaboradores.

Em pouco tempo estava claro que as teses de Lutero expressavam os sentimentos de boa parte da população e dos príncipes. O sucesso alcançado encorajou Lutero a enviar ao arcebispo de Mainz (Alberto Mainz) um documento e, em 1517, revoltado com a venda de indulgências, Lutero escreveu em documento com 95 pontos criticando a Igreja e o próprio papa. Estas 95 teses teriam sido afixadas nas portas da Igreja do Castelo de Wittenberg e de outras igrejas, propondo uma *disputatio*, ou seja, uma sessão de discussões sobre as teses apresentadas.

O papa ordenou retratação de Lutero, mas ele recusou o pedido de retratação e deu início a uma campanha aberta dentro da própria Igreja. Em 1529, Carlos V e os príncipes católicos aprovaram um decreto que aumentava a pressão dos estados católicos contra Lutero e seus seguidores. O protesto contra essa situação criou a denominação “protestante”. Ele, já excomungado por heresia em 1521, refugiou-se no castelo de Wartburg, onde, motivado por seu espírito reformador, ocupou-se – contando com diversos colaboradores – com a tradução do Novo Testamento, entre 1521 a 1534.

Na Alemanha, não obstante o surgimento de traduções católicas da Bíblia Sagrada (antes da tradução de Lutero), é justamente sua tradução a de maior relevância (no cenário de tradução bíblica), pois tal tradução está alinhada a questões político-teológicas, linguísticas e literárias. Distingue-a das outras versões um modo de dizer mais comum aos povos de fala alemã, na verdade resultante da busca por um alemão (*Gemeindeutsch*) que pudesse ser entendido por todos os povos de fala alemã e que passava, em seguida, e aos poucos, a se tornar padrão – num lugar onde abundavam os dialetos – da língua de imprensa.

Lutero traduziu primeiramente o Novo Testamento, em 1522. Apenas doze anos mais tarde, portanto em 1534, ele publicou a tradução do Antigo Testamento. O principal objetivo de Lutero era dar à sua Bíblia Sagrada a linguagem do alemão coloquial, a língua dos falantes alemães de sua época. Os fatores históricos, culturais e religiosos especiais que influenciaram essa tradução contribuíram todos para o surgimento e a aceitação do alemão moderno. (DESLILE e WOODSWORTH, 1995, p. 188).

O objetivo principal deste capítulo é expor, por meio de trechos transcritos da Carta, a concepção de tradução de Lutero. Frisamos, uma vez mais, que Lutero não era um teórico da tradução, mas um teólogo humanista cuja preocupação, em sua tradução, era principalmente político-teológica. Logicamente tal preocupação tinha como consequência

uma série de estratégias de tradução, que permitem conhecer sua concepção de tradução, conforme demonstraremos abaixo.

Numa passagem de sua tradução bíblica, Lutero acresce uma palavra que não constava do original em latim (Vulgata). Na época de Lutero, prezava-se muito pela “literalidade” dos textos – aqui entendida como principal recurso para a fidelidade absoluta –, mais ainda quando se tratava de textos de grande relevância (histórica e religiosa) como a Bíblia Sagrada. Os tradutores, alinhados à tendência da época – principalmente em relação ao texto bíblico – prendiam-se a um entendimento de fidelidade que mal lhes permitia trocar de lugar uma palavra. Em outras palavras: não importava muito se a tradução apresentasse trechos que não pareciam significar plenamente, sendo o mais importante a observância a uma tradução quase palavra-por-palavra. Motiva a escritura de sua Carta Aberta a interpelação, por parte de colegas católicos, acerca do acréscimo de um vocábulo na tradução. Vejamos:

primeiramente, por que eu, no terceiro capítulo da *Epistola aos Romanos*, versículo 28, traduzi as palavras de Paulo, *Arbitramur hominem justificari ex fide absque operibus*, como *Sustentamos que o homem é justificado somente pela fé, sem as obras da lei*; e, além disso, nela também observa que os papistas se enfurecem extremamente porque no texto de Paulo não consta a palavra *sola* (somente) e não se poderia suportar um tal acréscimo de minha parte à Palavra de Deus etc. (LUTERO, 1530, p.95)

Ao observarmos o início da carta de Lutero, podemos pressupor que o clero católico, ao tê-lo interpelado, esperava que sua tradução contivesse correspondências “perfeitas”, e que o texto fosse traduzido palavra por palavra. O fato de Lutero ter acrescentado uma palavra que não fazia parte da Epístola aos Romanos incomodava os papistas. É possível aqui notar duas correntes em Tradução: a) de um lado, a concepção do clero católico, defendendo uma tradução extremamente próxima ao original, o que concluímos do fato de lhes ter incomodado o simples acréscimo de uma palavra, o que não ocorreu de forma arbitrária; b) de outro lado, a concepção luterana, que busca esclarecer o motivo de seu acréscimo, assumindo, assim, uma postura não extremamente contrária a acréscimos e outras adaptações necessárias ao entendimento do texto, derivadas naturalmente da propriedade da língua para a qual se traduz.

Assim, Lutero explica a necessidade do acréscimo em favor da compreensão “completa”, da compreensão sem “estranhamento” no que diz respeito à forma de expressão, por seus leitores, pressupostamente falantes de alemão.

Ao afirmar “Mas como eu sabia e ainda posso ver que nenhum deles sabe realmente como se deve traduzir ou falar em alemão, poupei-me a mim e a eles um tal esforço.”(LUTERO, 1530, p. 95), Lutero reconhece o clero católico como incapaz de produzir uma boa tradução em língua alemã. Como o discurso luterano sobre tradução tem assentada sua base nas propriedades de uma língua, é justamente a falta de observância desta propriedade na tradução católica, apoiada nas letras latinas, que o reformador criticará.

Lutero argumenta dizendo que o papel do tradutor vai muito além de apenas entender o que está escrito em uma língua e buscar encontrar equivalentes em outra. O tradutor, segundo ele, é responsável por munir de sentido o texto na língua de chegada, pois “quanta arte, aplicação, razão e entendimento compete ao bom tradutor [...]” (LUTERO, 1530, P. 97). O clero católico, segundo Lutero, não compreendia que a tradução exigia arte, a aplicação, razão e entendimento, que, para Lutero, constituíam requisitos para traduzir.

Ao discorrer sobre o ofício da tradução, Lutero expõe como os tradutores sofrem críticas, geralmente daqueles que não são capazes de traduzir. Vejamos:

O mesmo aconteceu a Jerônimo. Porque ele traduziu a Bíblia, todo mundo foi seu mestre, e ele era o único que não sabia nada, e julgavam a obra do bom homem aqueles que não teriam sido dignos de limpar-lhe os sapatos. Por isso é necessária muita paciência, àquele que quiser fazer publicamente algo de bom, pois o mundo sempre quer saber melhor e tem sempre que enfrear o cavalo pelo rabo. Todos ensinam sem nada saber. É sua maneira de ser, da qual não conseguem abdicar. (LUTERO, 1530, p. 97)

Interessante notar na citação anterior, em que Lutero discorre sobre a injustiça de críticas sofridas pelos tradutores, sua referência a um dos tradutores mais destacados no que diz respeito à tradução bíblica: Jerônimo. Ao evocá-lo, Lutero remete a um versículo da Bíblia Sagrada: o lugar comum “não ser digno de limpar seus sapatos”, que coloca o tradutor (aqui representado por Jerônimo) numa posição de superioridade, lembra o versículo “E que vem depois de mim. Eu não mereço sequer desamarrear a correia das sandálias dele” (João, 1: 27). Arremata sua exposição declarando que os tradutores precisam ter muita paciência para lidar com as críticas, pois nem todas as pessoas que julgam as traduções são capazes de reconhecer o motivo de determinada escolha tradutória.

As críticas sofridas pelos tradutores eram pautadas em características bastante subjetivas. Os Estudos da Tradução criticam, de certa forma, adjetivos cuja finalidade seja emitir juízos de valor sobre traduções. Lutero nos conta em um trecho de sua carta sobre como Jerônimo Emser – teólogo alemão antagonista de Lutero – fala de sua tradução “Ele

confessa que meu alemão é suave e bom;” (LUTERO, 1530, p.97), adjetivos que não revelam objetivamente o significado de suas palavras, deixando aberto a diversas interpretações.

Em sua Carta, Lutero também discorre sobre noções de plágio e autoria. Ele acusa Jerônimo Emser de se apropriar da sua tradução do Novo Testamento e o chama de embusteiro, caracterizando-o como mentiroso e impostor:

Assim, tomou meu Novo Testamento, quase palavra por palavra, da forma como eu o compus, retirou meu prefácio, comentários e meu nome, e acrescentou seu nome, prefácio e comentários, e desta forma vendeu meu Novo Testamento com seu nome. (LUTERO, 1530, p.99)

Neste trecho, percebemos como a Carta sobre a Tradução, mesmo que escrita no século XVI, trata de questões bastante recorrentes na atualidade. O plágio, atualmente, é considerado crime. Lutero deixa bem claro sua repulsa à atitude de Jerônimo Emser ao ter copiado a tradução “de Lutero” do Novo Testamento e tirar todos os créditos que, antes, eram seus. Ele pede ainda que os dois “testamentos” sejam comparados, a fim de que se perceba ser ele, Lutero, o tradutor.

Em seguida, Lutero passa a abordar questões referentes ao sentido do texto, o que, para ele, é de suma importância na tradução. Vejamos: “Mas o que ele remendou e alterou em uns poucos lugares, ainda que nem tudo me agrada, bem o posso tolerar, e não me incomoda particularmente, porque não afeta o texto.” (LUTERO, 1530, p.99). Aqui, ele enfatiza que, apesar de algumas alterações, o sentido do texto não se perdeu ou se prejudicou e, por isso, ele não se incomoda com as modificações que a tradução sofreu.

O acréscimo ou a adaptação feita por Lutero não o incomoda. Na verdade, o sentido é o que se deve observar principalmente numa tradução, e por isso está correto o seu comentário, pois o sentido não se perde com a adaptação que ele realizou. Percebemos aqui duas concepções: a) uma extremamente literal, que se preocupa com acréscimos – concepção associada aos papistas; e b) outra que valoriza o sentido acima de todas as coisas, não se incomodando com acréscimos que não prejudiquem o sentido – associada a Lutero.

Muitas teorias que lidam com o texto sagrado defendem a “literalidade”, com o argumento de que o sentido do texto não pode ser deturpado. No Islamismo, por exemplo, as traduções do Corão – livro considerado pelos muçulmanos a palavra de *Allah* – não tiveram uma aceitação tão fácil, pois eles acreditavam que somente o árabe era veículo da palavra divina (DESLILE e WOODSWORTH, 1995, p. 188). Lutero admite não haver

apenas uma tradução possível para a Palavra Sagrada, desde que sejam feitas prezando o sentido do texto.

O incômodo causado ao clero católico é um dos motivos pelo qual Lutero escreve a Carta. Vejamos: “Se o seu papista quer incomodar-se bastante com a palavra *sola* – somente, diga-lhe logo: o doutor Martinho Lutero quer assim e diz que papista e asno é a mesma coisa, *Sic uolo, sic, iube, sit pro ratione uoluntas*⁸.” (LUTERO, 1530, p. 99). O reformador deixa claro que os papistas não entendem a razão desse acréscimo e por isso não podem julgá-lo. A palavra *sola* acrescentada por Lutero não foi arbitrária. Vejamos: “Lutero quer mantê-la assim e diz que é doutor acima de todos os doutores do papado inteiro; por isso deve permanecer aí.” (LUTERO, 1530, p. 101): neste ponto, enfatiza-se ainda mais a incapacidade dos papistas em relação à tradução para a língua alemã, já que não compreendem o motivo de ele ter acrescentado essa palavra.

A adaptação feita por Lutero não afeta o texto, segundo ele, pois não modifica o sentido. A seguir apresentamos uma tabela com traduções atuais do versículo 28 do livro de Romanos, capítulo três:

Tabela 1 – Romanos, 3:28

Vulgata	Schlachter-Bibel	Luther-Bibel	Almeida	Ave-Maria
Arbitramur justificari hominem ex fide absque operibus.	So kommen wir zu dem Schluß, daß der Mensch durch den Glauben gerechtfertigt werde, ohne Gesetzeswerke.	So halten wir nun dafür, daß der Mensch gerecht werde ohne des Gesetzes Werke, allein durch den Glauben.	Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentem ente das obras da lei.	Porque julgamos que o homem é justificado pela fé, sem as observâncias da lei.

Fonte: A autora.

Observando a tabela anterior, é possível notar que com o acréscimo da palavra “somente” (*allein*) na tradução alemã – que ficaria “é justificado somente pela fé” – o sentido

⁸ Assim quero, assim ordeno, tome-se a vontade por razão.

do texto não é perdido, portanto, não é problema, para Lutero, incluir essa palavra em sua tradução. Nas traduções apresentadas na tabela, podemos evidenciar que o acréscimo da palavra somente, mesmo em língua portuguesa, não altera o sentido, sendo assim, Lutero defende um ponto de vista coerente ao dizer que não o incomoda a adaptação, pois o sentido é mantido.

Lutero argumenta, ainda, que se esforçou, em sua tradução, para escrever em um alemão “puro e claro”, adjetivos que constituem, na tradição retórica, virtudes da elocução, ou seja, virtudes que devem necessariamente compor o texto escrito. Esses atributos do texto estão na forma de redigir, uma forma programada, que tem suas qualidades previstas de modo normativo nas regras da Retórica. A tradução é submetida, como todas as artes do escrever, a preceitos retóricos.

A inclusão de uma palavra na tradução que não esteja no original demonstra uma concepção aberta em relação ao texto sensível (o texto bíblico). Vejamos:

Eles não veem que isso corresponde perfeitamente ao sentido do texto, e, quando se quer traduzir com clareza e consistência em alemão, deve estar presente, porque eu quis falar em alemão, não em latim nem em grego, quando me propus falar em alemão ao traduzir. Isso, porém, é propriedade de nossa língua alemã [...]. (LUTERO, 1530, p. 103).

Lutero busca conferir à língua alemã um status de língua “na qual tudo se pode dizer”, concepção que predomina principalmente no século XVII, posterior a ele, por meio das academias ou sociedades linguísticas (programa de cultivo da língua). Além disso, ele perpetua o preceito ciceroniano de tradução (*non ut interpretes, sed ut orator*), de não traduzir palavra por palavra, mas sim de traduzir segundo o sentido. Lutero ainda aborda a noção de propriedade da língua: temos aqui claramente a noção de adaptar não apenas em termos morfossintáticos (da língua-alvo), o que é contido pela propriedade, mas também em termos lexicais.

A principal preocupação de Lutero é o público-alvo, ou seja, seus leitores. Ao traduzir a *Vulgata*, Lutero procura aproximar o texto com o alemão falado nas ruas, ou seja, busca uma forma espontânea e natural do idioma – e por isso observa os seus falantes nativos – propondo-se, com isso, a abandonar um estilo artificial (latinizante) praticado nas universidades e nos colégios:

Pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas sim, há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e

depois traduzir; aí então eles vão entender e perceber que se está falando em alemão com eles. (LUTERO, 1530, p. 105).

Este é o trecho de sua Carta em que Lutero deixa mais explícito para os papistas a razão de ele ter escolhido adaptar sua tradução. Não obstante existir para a tradução de Lutero, conforme a citação, um objetivo político, nota-se também uma relevante fonte de inspiração luterana: os leitores. É a partir dos leitores e das formas como a língua dinâmica se realiza em seu mundo que ele define o registro, o tom de seu texto.

Em seguida, Lutero – ainda na argumentação do acréscimo da palavra *allein* (*sola*) em sua tradução, em seu discurso sobre a propriedade da língua e contrário, assim, ao estilo latinizante – lança mão de uma série de exemplos de traduções católicas que julga, por seu excesso de literalidade, ineficazes.

O primeiro exemplo apresentado na Carta Aberta refere-se ao trecho Mateus, 12:34. Antes de discorrermos sobre os motivos que levam Lutero a classificar a tradução católica ineficaz, apresentaremos o texto latino, duas traduções alemãs (uma católica e outra, de Lutero) e duas em português, para situar adequadamente o leitor de nosso trabalho. Vejamos:

Tabela 2 – Mateus, 12:34

Vulgata	Schlachter-Bibel	Luther-Bibel	Almeida	Ave-Maria
Progenies vipera- rum quomodo potestis bona loqui cum sitis mali ex abundantia enim cordis os loquitur.	Schlangenbrut, wie könnt ihr Gutes reden, da ihr böse seid? Denn wovon das Herz voll ist, davon redet der Mund.	Ihr Otterngezüchte, wie könnt ihr Gutes reden, dieweil ihr böse seid? Wes das Herz voll ist, des geht der Mund über.	Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.	Raça de víboras, maus como sois, como podeis dizer coisas boas? Porque a boca fala do que lhe transborda do coração.

Fonte: A autora.

A tradução católica para o alemão é *Aus dem Überfluss des Herzens redet der Mund*, que, para Lutero, não é “alemão”, já que nenhum falante nativo de alemão conseguiria

entender. Para ele, não faz sentido dizer *Überfluss des Herzens* (abundância do coração). No que considera “alemão”, ou seja, o modo natural e espontâneo, também utilizado pelas camadas mais populares (e que não têm acesso, provavelmente, à *Ausbildung* alemã), o sentido do texto latino seria dito da seguinte forma: *Wes das Herz voll ist, des gehet der Mund über* (Pois a boca fala daquilo que o coração está cheio). Percebemos claramente que a tradução criticada por Lutero, com seu excesso de literalidade, gera expressões pouco naturais ao uso comum de língua alemã, apresentando dificuldades para seu entendimento.

Observamos no trecho: “Pois as letras latinas dificultam muito a formulação para se falar em bom alemão” (LUTERO, 1530, p.105) uma questão bastante interessante. Num primeiro momento, pode-se pensar que Lutero faça referência à língua de partida. Na verdade, não. Lutero traduziu a Bíblia Sagrada a partir de textos originais em hebraico e aramaico (Antigo Testamento) e do grego (Novo Testamento). Entretanto, Lutero e seus assistentes recorriam frequentemente à *Vulgata* (tradução latina de São Jerônimo) para eximir dúvidas quanto ao significado de alguns trechos. Quando Lutero faz menção às letras latinas como obstáculo à comunicação eficiente em alemão, quer dizer que os papistas, de tradição católica (e o próprio Lutero é um “filho” desta tradição, pois não havia outra!), possuíam uma ligação muito forte com a língua latina. Assim também ocorria nas universidades, pois o latim era a língua de prestígio (ou ainda, língua franca) da religião e também das ciências.

O fato de o latim ser língua de prestígio das ciências e da religião tinha como consequência que o erudito, ou o estudioso, à época de Lutero, tinha uma forma de acesso à língua latina, jamais concebida (àquela época) possível de se ter em sua própria língua (no caso das regiões em que o alemão era falado, a língua alemã). Assim, um pouco mais adiante (século XVII), deparamo-nos, no interior do movimento cultural conhecido como “cultivo da língua”, com críticas de autores que dizem que os alemães “eruditos” eram capazes de, aos vinte anos de idade, escrever um tratado em latim, mas incapazes de escrever um simples bilhete em sua língua materna.

Uma vez tendo sido rigorosamente educados em latim (que era também a língua de conversação nas aulas de colégios e universidades), é previsível que os papistas, no momento de escreverem na língua cotidiana (do povo), deixassem que algumas estruturas naturais à língua latina “passassem” para o texto alemão, principalmente numa época em que a

tradução era entendida como um exercício que mais se aproximava à reprodução de conteúdo com fidelidade à palavra que como um exercício de recriação ou de ressignificação.

Quando Lutero discorre sobre o prejuízo ao entendimento do texto alemão devido às letras latinas, mostra-nos o que se quer dizer, de fato, com o denominado “estilo latinizante”, ao qual era contrário, justamente por valorizar a propriedade das línguas (tema predominante em sua Carta), o que conseqüentemente nos leva a afirmar sua preocupação com o público-alvo: se a preocupação com o público-alvo, motivada teológica e politicamente, levou ao extremo cuidado com a propriedade da língua, ou se a preocupação com a propriedade da língua levou à consideração do público-alvo é algo que não se responderá neste trabalho. Não obstante as dificuldades suscitadas pelo pensamento luterano acerca da tradução, é possível afirmar que Lutero não privilegia uma tradução num nível mais coloquial por ser coloquial ou por contemplar determinado público-alvo, mas a privilegia por se tratar de uma tradução mais natural (em termos idiomáticos), o que, necessariamente, contempla o público-alvo (não é, conteúdo, a finalidade primeira contemplar o público, mas tão somente respeitar a propriedade da língua).

O segundo exemplo refere-se a Lucas, 1:28. Vejamos:

Tabela 3 – Lucas, 1:28

Vulgata	Schlachter-Bibel	Luther-Bibel	Almeida	Ave-Maria
Et ingressus angelus ad eam dixit have gratia plena Dominus tecum benedicta tu in mulieribus.	Und der Engel kam zu ihr herein und sprach: Sei gegrüßt, du Begnadigte! Der Herr ist mit dir, du Gesegnete unter den Frauen!	Und der Engel kam zu ihr hinein und sprach: Gegrübet seist du, Holdselige! Der HERR ist mit dir, du Gebenedeite unter den Weibern!	E, entrando o anjo aonde ela estava, disse: Salve, agraciada; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres.	Entrando, o anjo disse-lhe: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo”.

Fonte: A autora.

Lutero apresenta o versículo “traduzido segundo as letras latinas” (LUTERO, 1530, p.107) no qual o anjo Gabriel saúda Maria “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo”

(Lucas 1:28). Mais uma vez, o discurso de Lutero aqui é contrário à observância de fidelidade (em sentido extremo), quando, ocasionalmente, a natureza das estruturas próprias à língua latina prejudicam o entendimento do texto em alemão. Assim, Lutero aponta que um alemão (nativo de língua alemã), ao ouvir *voll Gnade* (cheia de graça), deveria pensar em algo como um barril cheio de cerveja (*voll Bier*), o que tornaria a referência a uma pessoa “cheia de algo”, minimamente, risível. Ao comentar a tradução deste trecho, Lutero introduz a noção de equivalência de sentido. Vejamos:

Que alemão entende o que significa *cheia de graça*? Ele deve pensar num barril cheio de cerveja, ou num saco cheio de dinheiro; por isso eu traduzi: *Du holdselige* [agraciada], com o que um alemão pode imaginar muito melhor o que o anjo quer dizer com sua saudação. Mas aqui os papistas se enfurecem comigo porque eu teria pervertido a saudação angelical, muito embora eu com isso ainda não tenha encontrado o melhor alemão. Se eu tivesse aqui tomado o melhor alemão e traduzido a saudação: *Gott grüße dich, du liebe Maria* [Deus te saúda, querida Maria] (pois isto tudo o anjo quer dizer, e assim ele teria falado, se tivesse querido saudá-la em alemão), creio que eles mesmos se enforcariam por excesso de zelo para com a *querida Maria*, porque eu teria aniquilado a saudação. (LUTERO, 1530, p. 107)

Lutero lança mão de expressões que soam naturais ao idioma alemão (ou seja, que respeitam as propriedades da língua alemã), buscando equivalentes de sentido para seus leitores: aqui é perceptível o uso da noção de equivalência – entendida em sentido amplo – como algo contrário ao princípio da fidelidade (levada a seu extremo): busca-se ressignificar, traduzir o sentido, e não as palavras (tradução palavra por palavra), pois expressões distintas (com palavras ainda mais distintas) podem remeter ao mesmo significado.

No trecho anterior, ressaltamos mais uma vez a noção de que o importante, para Lutero, é manter a propriedade da língua alemã, mesmo que isso tenha que ser por meio de acréscimos e omissões que eram alternativas tradutórias pouco convencionais na época. Como a Bíblia Sagrada era o livro no qual a Igreja Católica conseguia “dominar” a população, todas as tentativas de alterar o texto (lembrando que os papistas acreditavam que ao inserir uma palavra que não estava presente no texto em latim o texto estaria sendo alterado) eram consideradas “erradas” para o clero católico.

O terceiro exemplo, refere-se a Daniel, 10:12 e tem como cerne a seleção lexical (logicamente, atrelada a uma questão semântica, ou seja, de sentido). Lutero busca ilustrar como a seleção lexical inadequada (ou errônea, quando não se conhece bem a língua de chegada) pode deturpar o sentido do “original”. Vejamos:

Tabela 4 – Daniel, 10:12

Vulgata	Schlachter-Bibel	Luther-Bibel	Almeida	Ave-Maria
Et ait ad me Noli metuere Daniel quia ex die primo, quo posuisti cor tuum ad intelligendum ut te affligeres in conspectu Dei tui, exaudita sunt verba tua et ego veni propter sermones tuos.	Da sprach er zu mir: Fürchte dich nicht, Daniel! Denn von dem ersten Tag an, da du dein Herz darauf gerichtet hast, zu verstehen und dich vor deinem Gott zu demütigen, sind deine Worte erhört worden, und ich bin gekommen um deiner Worte willen.	Und er sprach zu mir: Fürchte dich nicht, Daniel; denn von dem ersten Tage an, da du von Herzen begehrtest zu verstehen und dich kasteitest vor deinem Gott, sind deine Worte erhört; und ich bin gekommen um deinetwillen.	Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras.	Não temas, Daniel, disse- me, porque desde o primeiro dia em que aplicaste teu espírito a compreender, e em que te humilhaste diante de teu Deus, tua oração foi ouvida, e é por isso que eu vim.

Fonte: A autora.

Lutero afirma:

Se eu fosse traduzir em alemão a palavra do anjo conforme a arte dos asnos, segundo a letra, eu teria que dizer: *Daniel, du Mann der Begierungen* [Daniel, homem dos apetites] ou *Daniel, du Mann der Lüste* [Daniel, homem dos desejos]. Oh, que belo alemão! Um alemão entende bem que *Mann, Lüste, ou Begierungen* são palavras alemãs, embora não sejam palavras totalmente próprias alemãs, melhor estariam no singular *Lust e Begierungen*, nenhum alemão sabe o que se disse, e acredita que Daniel talvez esteja cheio de desejos maus. Esta seria uma delicada tradução! Por isso aqui eu tenho que abandonar as letras e investigar como o homem alemão isso que o homem hebraico denomina *Isch hamudóth*: então eu

reconheço que o homem alemão fala assim: *querido Daniel, querida Maria, ou agraciada jovem, graciosa donzela, doce mulher* e semelhantes. (LUTERO, 1530, p.109)

Nega-se nesse trecho o princípio de equivalência 1:1, ou seja, que, literalmente traduzida, uma palavra signifique na língua de chegada exatamente a mesma coisa que significa (ou significava) na língua de partida. Isto envolve, inclusive, questões culturais de uso, já que cada cultura possui suas características próprias, como Lutero explica: “Pois quem quiser traduzir deve possuir um grande acervo de palavras, a fim de que possa ter à mão a melhor quando uma delas não soar bem em nenhum lugar.” (LUTERO, 1530, p. 109), ou seja, como as culturas são diferentes, as palavras serão diferentes, pois as línguas são diferentes e as palavras não possuem “equivalência perfeita”.

Conforme mencionado, Lutero não criou uma teoria da tradução em sua Carta, ele apenas relatou alguns dos fatos de sua tradução. Abaixo um trecho esclarecedor a este respeito:

Mas para que falar tanto e tanto tempo sobre tradução? Se eu fosse assinalar as causas e reflexões sobre todas as minhas palavras, provavelmente teria que escrever durante todo um ano. Que arte e trabalho é a tradução experimentei muito bem! Por isso não vou suportar como juiz ou crítico nenhum asno papista ou mulo, que nunca tentaram nada. Quem não quer minha tradução que a deixe estar. O diabo agradece aquele quem não gosta dela ou corrige sem minha vontade e conhecimento. Se deve ser corrigida, quero fazê-lo eu mesmo. Se eu mesmo não o faço, deixem-me em paz com minha tradução, e que cada um faça o que quiser para si mesmo e passe bem! (LUTERO, 1530, p.109).

Neste trecho, Lutero relata como é seu trabalho na tradução, e que ninguém deve interferir em seu trabalho, muito menos criticá-lo, já que os papistas – segundo o próprio Lutero – desconhecem o que é necessário para traduzir e não entendem coisa alguma do ofício. Além disso, ele relata que precisaria de mais de um ano, caso quisesse relatar todos os percalços com que teve de lidar ao traduzir a Bíblia Sagrada.

A intenção de sua tradução, conforme o próprio autor, é a seguinte:

porém a fiz por serviço aos amados cristãos e para honra daquele que está sentado no alto, e que em todas as horas tanto bem me faz, que mesmo se eu tivesse traduzido mil vezes tanto e tão diligentemente, não mereceria, contudo, viver por uma hora ou ter um olho são: tudo deve-se à sua graça e misericórdia, também o que eu sou e tenho, sim, deve-se a seu precioso sangue e amargo suor; por isso, tudo, pela vontade de Deus, deve servi-lo para sua honra, com alegria e decoração. (LUTERO, 1530, p. 109 – 110).

O objetivo teológico de Lutero, de que os cristãos tivessem todo acesso à palavra de Deus numa língua que lhes parecesse natural – e, portanto, compreensível – aponta-nos como ele se manteve “fiel” às propriedades da língua alemã utilizada em sua tradução. Sua

fidelidade à propriedade da língua foi tamanha, que não temeu – e só podia não temer devido à proteção que recebia – sequer os acréscimos (o exemplo da palavra *sola*, em *sola fide*) numa época em que outros haviam morrido por isso (cf. o caso de Étienne Dolet). Isto, contudo, não significa que Lutero distanciou-se arbitrariamente ou o “quanto quisesse” do texto original. No trecho seguinte, vemos seu relato acerca de aproximação e distanciamento do texto original:

Por outro lado, não abandonei completamente a letra, mas observei-a com grande cuidado junto a meus ajudantes, de maneira quem quando necessário, mantive-a e dela não me afastei tão livremente; como em *João 6, 27*, onde Cristo fala: *Diesen hat Gott der Vater versiegelt* [A este, Deus Pai o selou]. Certamente teria sido um alemão melhor: *Diesen hat Gott der Vater gezeichnet*, ou, *diesen meiner Gott der Vater* [A este, Deus Pai o marcou, ou A este, referiu-se Deus Pai]. Mas preferi corromper a língua alemã a negligenciar a palavra. (LUTERO, 1530, p. 111).

Na citação anterior, percebemos o “meio-termo” e o “compromisso (ou fidelidade)” de Lutero para com o original: nos trechos em que percebeu que poderia comprometer a “palavra”, manteve-se à letra: isto nos ajuda a estudar a estratégia tradutória de Lutero. Na tabela a seguir, conseguimos visualizar e comparar como esse trecho foi traduzido para as outras versões das escrituras, vejamos:

Tabela 5 – João, 6:27

Vulgata	Schlachter-Bibel	Luther-Bibel	Almeida	Ave-Maria
Operamini non cibum qui perit sed qui permanet in vitam aeternam quem Filius hominis vobis dabit hunc enim Pater signavit Deus.	Wirkt nicht [für] die Speise, die vergänglich ist, sondern [für] die Speise, die bis ins ewige Leben bleibt, die der Sohn des Menschen euch geben wird; denn diesen hat Gott, der Vater, bestätigt!	Wirket Speise, nicht, die vergänglich ist, sondern die da bleibt in das ewige Leben, welche euch des Menschen Sohn geben wird; denn den hat Gott der Vater versiegelt.	Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou.	Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, que o Filho do Homem vos dará. Pois nela Deus Pai imprimiu o seu sinal”.

Fonte: A autora.

A tradução, segundo as informações da Carta, mostra um tradutor que busca se aproximar dos leitores, e ao mesmo tempo não se afastar do sentido proposto pelo texto – não se afastando, totalmente, das formas! O objetivo maior, como mencionamos, é divulgar a palavra de Deus. Por essa razão, ele não usa “um alemão melhor” em determinados versículos, pois, se o fizesse, estaria alterando muito a “palavra” e comprometendo o sentido.

Posteriormente, Lutero expõe o que é necessário para ser um tradutor e discorre sobre fidelidade em tradução. Vejamos:

Ah, a tradução não é em absoluto uma arte para qualquer um, como acreditam os santos insensatos!; a ela pertence um coração reto, piedoso, fiel, diligente, temente, cristão, erudito, experiente, treinado. Por isso, penso que nenhum falso cristão ou espírito sectário sabe traduzir fielmente, como se depreende da tradução dos *Profetas*, em Worms⁹, em que certamente se aplicou grande diligência e observou-se muito meu alemão. Mas havia judeus presentes, que não mostraram muita benevolência para com Cristo; no demais, houve suficiente arte e cuidado. (LUTERO, 1530, p. 111).

Neste trecho, Lutero apresenta as características principais de um tradutor, ou ainda, o que se pressupõe para que se possa dedicar a tal ofício. Os pressupostos ora apresentados, todavia, não dizem respeito mais diretamente à técnica ou arte de traduzir, mas abordam questões religiosas de fundo moral: deve possuir o tradutor, segundo ele, um coração reto, temente e cristão. Afirma Lutero que apenas um cristão com essas características (coração reto, temente e cristão) – além daquelas exigidas pela técnica – estará apto ao ofício de traduzir.

Uma vez apresentadas as características (ou pressupostos) “subjetivos” de um tradutor, Lutero, apoiado na temática de tradução e propriedade de línguas, reúne informações gerais sobre como realizou sua tradução, momento em que fica bastante claro o meio-termo que propõe. Desta reunião de informações, ou resumo, podemos elencar os tópicos seguintes:

- A relação entre o texto traduzido e seus leitores;
- A estrutura no texto original x o sentido no texto traduzido;
- A busca por equivalentes alemães (que pudessem ser naturalmente/facilmente compreendidos pelos falantes da língua);

⁹ Em 1527, em Worms, foi publicada a tradução conjunta de Ludwig Hätzer (ca. 1500-1529) e Hans Denk (ca. 1495-1527), a partir do texto hebraico, de todos os *Profetas*. Em quatro anos teve 12 edições, mas foi suplantada definitivamente pela tradução de Lutero dos *Profetas*, em 1532.

Lutero deixa implícitas em sua Carta questões que podem ser relacionadas com teorias presentes no campo dos Estudos da Tradução. No caso de nosso trabalho, apresentaremos a relação entre algumas de suas observações e a teoria das equivalências de Nida (1969).

3. A EQUIVALÊNCIA DINÂMICA DE NIDA E SUAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, apresentaremos e discutiremos o conceito de equivalência, segundo a teoria de Eugene Nida. Eugene Albert Nida (1914 - 2011) foi tradutor, linguista e ministro da igreja protestante norte-americana. Ele produziu inúmeros trabalhos extremamente importantes nos Estudos da Tradução e que auxiliaram acadêmicos, tradutores e missionários a encontrar novas maneiras de pensar sobre uma comunicação efetiva. Em 1943 ele se juntou à equipe da *American Bible Society* (associação americana que, atualmente, traduz e distribui a Bíblia Sagrada, fornece auxílio no estudo e outras ferramentas para ajudar as pessoas a conhecerem as sagradas escrituras), onde, por mais de 50 anos, liderou o programa de tradução e treinou diversos tradutores.

O tema “equivalências” é motivo de grandes discussões no campo dos Estudos da Tradução. Inúmeros autores expressaram suas opiniões acerca da teoria apresentada por Eugene Nida no século XX. Em seus livros *Toward a Science of Translating* (1964) e *The Theory and Practice of Translation* (1969), Nida discorre sobre dois tipos de equivalência: a formal e a dinâmica (ou funcional). A primeira, como o próprio nome indica, preocupa-se mais com a forma do texto; a última, com o sentido. Neste capítulo, iremos nos concentrar no conceito de equivalência dinâmica, relacionando-a às escolhas de Lutero como tradutor.

Assim como Lutero, Eugene Nida foi uma figura importante para a história da tradução bíblica. Os seus esforços permitiram que milhões de pessoas de centenas de línguas diferentes passassem a ter acesso aos textos da Bíblia Sagrada.

Antes de Nida, os tradutores da Bíblia Sagrada associados à *American Bible Society* eram missionários que traduziam buscando no texto de chegada uma equivalência formal fortemente baseada no texto-fonte, ou seja, as traduções bíblicas eram muito “presas” ao texto original e os missionários preocupavam-se mais com a forma do texto que com o seu sentido. A busca pela aproximação do texto traduzido ao leitor é uma questão presente nas discussões dos Estudos da Tradução e não há um consenso sobre o que pode ser considerado adequado ou inadequado.

O papel do tradutor é extremamente relevante na tarefa de buscar a equivalência, pois os tradutores são os responsáveis por encontrar palavras que possuam o mesmo significado para a cultura alvo. Como Nida foi tradutor e linguista, ele entendia que as pessoas que não possuíam um conhecimento mais aprofundado na teoria tradutória não conseguiriam produzir uma tradução de boa qualidade. Por isso, ele decide formular a teoria das equivalências, na intenção de auxiliar os tradutores e guiar os missionários que traduziam os textos bíblicos na *American Bible Society*.

Nida apresenta no capítulo dois de seu livro, *Theory and Practice of Translation*, um trecho interessante, no qual esclarece seu ponto de vista em relação ao fazer tradutório: “Traduzir deve objetivar principalmente a “reprodução da mensagem”¹⁰ (Nida e Taber, p.12, 1969). Neste trecho do capítulo, o autor também aponta que, para reproduzir a mensagem, é preciso que o texto seja ajustado gramática e lexicalmente. Assim, o texto traduzido consegue exercer a função de reproduzir a mensagem.

Devemos lembrar que o objeto de tradução de Nida é o texto bíblico. Logicamente, suas contribuições para os Estudos da Tradução não necessitam, por essa razão, ficar restritos à tradução de textos sagrados (ou sensíveis), exclusivamente, mas devem ser consideradas, *a priori*, a partir destes textos. Assim, ao afirmar que “o sentido deve ser priorizado, pois nele está o conteúdo da mensagem, o que é de suma importância na tradução bíblica”¹¹ (NIDA e TABER, p. 13, 1969), Nida apenas enfatiza que o sentido deve ser privilegiado, pois é no sentido que se encontra a mensagem a qual, por sua vez, resguarda o conteúdo.

A teoria de equivalência proposta por Nida assume um papel importante no campo dos Estudos da Tradução, sendo referência e objeto de estudo em diversas teses e artigos¹². Uma discussão sobre equivalência, que pondera as concepções de renomados autores, como, por exemplo, J.C.Catford, E.Nida, A.Lefevère e G.Toury, pode ser encontrada em Carneiro apud KELLY (1979):

Entre os linguistas do século XX foram desenvolvidos dois tipos de equivalência, a dinâmica e a forma. A equivalência dinâmica é caracterizada por Nida (1964, p.166) como o uso do “equivalente natural mais próximo da mensagem de língua-

¹⁰ Texto original: Translating must aim primarily at “reproducing the message”.

¹¹ Texto original: meaning must be given priority, for it is the content of the message which is of prime importance for Bible translating.

¹² Cf. <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/271182>

fonte”, enquanto a equivalência formal é a correspondência entre as unidades linguísticas, independentemente de qualquer ideia de conteúdo. (p.24)

Encontrar o “equivalente natural” nada mais é que aproximar o texto de uma linguagem mais facilmente compreendida pelos leitores. Na tradução que utiliza a correspondência formal, busca-se aproximar ao máximo o texto traduzido do original por meio de estruturas formais. Já na equivalência dinâmica ou funcional, o foco do tradutor é uma tradução que se aproxima do público leitor, mais preocupada com o sentido que com as formas.

A preservação do sentido está presente na teoria da equivalência dinâmica proposta por Nida, em que a busca por um equivalente natural é função do tradutor, em particular, do tradutor dos textos bíblicos, pois é nesse equivalente natural que o sentido do texto e, conseqüentemente, a mensagem, serão preservados. Nida ainda propõe uma série de prioridades que o tradutor deve realizar em uma tradução, sendo uma delas a de que a equivalência dinâmica tem prioridade sobre a correspondência formal, ou seja, o sentido é mais essencial e tem prioridade sobre a forma do texto.

Com relação à equivalência dinâmica ter prioridade sobre a correspondência formal, Nida argumenta:

Se olharmos as traduções em termos dos receptores, ao invés de olharmos em termos de suas respectivas formas, então apresentamos outro ponto de vista; a inteligibilidade da tradução. Tal inteligibilidade, entretanto, não pode ser medida apenas em termos de se as palavras são compreensíveis e como as sentenças são construídas gramaticalmente, mas em termos do impacto total que a mensagem tem naqueles que irão recebê-la.¹³ (NIDA e TABER, p. 22, 1969).

Na equivalência dinâmica, o tradutor procura obter equivalentes que possam facilitar o entendimento da mensagem e, assim, do sentido para o leitor. Os receptores, para Nida, têm papel fundamental na tradução, pois é com eles que os tradutores devem se preocupar ao fazer uma tradução. Como Nida era tradutor da Bíblia Sagrada, para ele a mensagem precisava ser preservada para que todos os ouvintes e leitores das escrituras pudessem compreender o sentido do texto, e isso só seria possível se a equivalência dinâmica fosse mais considerada em maior grau que a correspondência formal do texto traduzido.

¹³ Texto original: If we look at translations in terms of the receptors, rather than in terms of their respective forms, then we introduce another point of view; the intelligibility of the translation. Such intelligibility is not, however, to be measured merely in terms of whether the words are understandable and the sentence grammatically constructed, but in terms of the total impact the message has on the one who receives it.

Nida traz em seu texto uma comparação entre três distintas traduções bíblicas para língua inglesa: *New English Bible* (NEB), *Revised Standard Version* (RSV) e *Today's English Version* (TEV). Na tabela abaixo veremos uma comparação entre as três traduções de Romanos, 1:5 e uma tradução, do mesmo versículo, para a língua portuguesa de Almeida:

Tabela 6 – Romanos, 1:5

New English Bible	Revised Standard Version	Today's English Version	Almeida
Through him I received the privilege of a commission in his name to lead to faith and obedience men in all nations,	through whom we have received grace and apostleship to bring about the obedience of faith for the sake of his name among all the nations,	Through him God gave me the privilege of being an apostle, for the sake of Christ, in order to lead people of all nations to believe and obey,	pelo qual recebemos a graça e o apostolado, por amor de seu nome para a obediência e fé entre todos os gentios,

Fonte: A autora.

Nida observa em seu texto que as traduções NEB e TEV são mais “distantes” do texto original, mas aponta que as alterações feitas foram necessárias para que o texto se tornasse mais natural para os leitores em língua inglesa. Já na tradução RSV é possível perceber uma preocupação maior em manter as formas originais e, por isso, o sentido do texto não fica tão explícito para o leitor. Nessa última tradução, a correspondência formal foi priorizada, deixando o texto menos natural para os leitores, e Nida defende que, para se compreender a mensagem do texto, é preciso alterá-lo: apenas assim o sentido continuará o mesmo.

Ainda observando a tabela acima, podemos perceber como as traduções NEB e TEV optam por reestruturar o versículo e trocar *we* por *I* ou *me*, com o objetivo de preservar o sentido do texto original. Em ambas as traduções, notamos ainda que a frase *for his name's sake* é colocada em uma ordem diferente. Assim, Nida nos mostra que alterar a estrutura das frases é possível e pode auxiliar na compreensão do texto.

Ainda em seu livro *The Theory and Practice of Translation* (1969), Nida utiliza diversos exemplos dos versículos bíblicos para explicar aos leitores a importância de se priorizar a equivalência dinâmica. Ele explica que muitas pessoas podem defender que uma tradução que privilegie a equivalência dinâmica é uma tradução menos “precisa” e que se afasta das formas do texto. Nida, entretanto, não critica ou defende nem a equivalência dinâmica nem a correspondência formal: seu intuito é estritamente ilustrar as diferenças entre ambas.

Como um dos intuítos de seu texto é ensinar os tradutores da *American Bible Society* a buscarem uma tradução mais compreensível para os leitores, o autor demonstra um teste de compreensibilidade que pode ser realizado com o intuito de facilitar a escolha tradutória (durante a tradução). Este “teste” é simples: basta se analisar o texto e “descobrir e eliminar dois diferentes tipos de expressões: a) aquelas que são mais facilmente incompreendidas e b) aquelas muito difíceis e “pesadas” (seja por causa do vocabulário ou da gramática)”¹⁴ (NIDA e TABER, p. 2, 1969), sendo assim, os tradutores evitam que os leitores desistam de tentar entender o conteúdo presente na mensagem. Esse trecho evidencia, mais uma vez, como Nida se preocupa com a compreensão da mensagem presente na Bíblia Sagrada, já que um de seus objetivos, ao traduzir a Bíblia Sagrada, era também divulgar a palavra de Deus.

Percebemos como Nida definia a equivalência dinâmica e a correspondência formal: uma relacionada à mensagem e outra às estruturas textuais. Mensagem pode ser definida como a “comunicação verbal ou escrita que transmite ordem, informação etc.” ou ainda “o significado íntimo e profundo de uma obra filosófica ou literária, que representa o legado do escritor à cultura humana.” (definições do dicionário da língua portuguesa Houaiss), ou seja, como Nida era um comunicador (estava preocupado com a comunicação entre as pessoas e por meio de livros (a Bíblia Sagrada, em particular)), ele atentou-se à mensagem e ao público-leitor das traduções, buscando sempre a equivalência entre os textos.

Nida explica sua concepção sobre a mensagem e a equivalência no seguinte trecho:

Para produzir uma mensagem equivalente, uma que seja dinamicamente equivalente e que se ajuste ao canal do decodificador, é necessário alongar a mensagem, construindo-a com a necessária redundância, de modo a torná-la significativamente de maneira equivalente. (NIDA, 1964, p. 131).

¹⁴ Texto original: discovering and eliminating two different types of expressions: (I) those which are likely to be misunderstood and (II) those so difficult and “heavy” (whether in vocabulary or grammar).

Concebemos, na abordagem trazida pelo autor, que a equivalência dinâmica apresenta a mensagem como ponto central de um texto: o sentido deve ser mantido para que a mensagem seja transmitida do texto original ao texto traduzido. As estruturas são colocadas em segundo plano, pois é o sentido que deve ser preservado e o público alvo consiga compreender a mensagem.

No âmbito da aproximação ou não do leitor com o texto traduzido surgem várias teorias, entre elas, talvez a mais conhecida, a abordagem trazida por Lawrence Venuti sobre estrangeirização e domesticação. Explicando resumidamente, a tradução domesticadora é aquela que aproxima o autor do texto ao leitor, com a tradução de termos para que pareçam naturais – o quanto possível – na língua-alvo. A tradução estrangeirizadora, por outro lado, é aquela que aproxima o leitor ao autor, mantendo termos na língua-fonte para que o leitor busque conhecer a outra cultura e língua.

A fidelidade na tradução é uma matéria diretamente relacionada à noção de equivalência proposta por Nida. Ao realizar a tarefa de traduzir, os tradutores são portadores de uma “bagagem”, ou seja, aspectos de sua vivência e experiência influenciam suas escolhas tradutórias. Assim, a busca por equivalência e, conseqüentemente, a decisão do *quantum* de fidelidade a um “original” tornam-se questões delicadas e muito relevantes nas discussões que envolvem o texto e sua finalidade.

Apesar de Nida não abordar explicitamente sua opinião em relação à fidelidade na tradução, podemos notar que, ao considerar que a equivalência dinâmica tem prioridade sobre a correspondência formal, o autor demonstra que é preciso se “desprender” do texto para que o sentido seja preservado. Na tradução “fiel”, é possível constatar que o sentido, muitas vezes, se perde, pois as línguas são diferentes entre si e apresentam estruturas formais distintas, por isso o sentido é prejudicado.

Assim como Nida, Lutero entendia que o tradutor de um texto, particularmente do texto bíblico, deveria preocupar-se com a mensagem e o sentido que o texto carrega (e buscar a equivalência dinâmica para que o texto fizesse sentido para o leitor), pois é através desse sentido e dessa mensagem que os leitores irão compreender o texto. No próximo capítulo deste trabalho, abordaremos como a teoria proposta por Nida pode ser percebida em trechos da carta de Lutero, buscando uma releitura da Carta Aberta à luz da teoria da equivalência dinâmica.

4. UM BREVE DIÁLOGO

Neste capítulo abordaremos questões gerais de tradução presentes nos relatos de Lutero em sua Carta Aberta e buscaremos relacioná-los a preceitos tradutórios constantes da teoria de equivalência dinâmica de Nida.

Primeiramente, é importante ressaltar que Lutero escreveu sua carta como resposta às críticas feitas pelo clero católico de sua época. Assim, o diálogo apresentado neste capítulo destacará em pontos de contato entre a carta de Lutero e a teoria da equivalência dinâmica de Nida.

A Europa renascentista – época em que Lutero está inserido – é conhecida como tempos de grandes mudanças para a humanidade, transformações que influenciaram o modo de pensar da civilização europeia, uma vez que, dentre outras coisas, o homem passava a ser o centro de importantes discussões na filosofia e nas artes. Esse pensamento – que levou à redescoberta de grandes obras da Antiguidade clássica – teve também influência sobre as concepções de tradução, principalmente se tomada como parte fundamental na formação de línguas e literaturas nacionais.

No âmbito da tradução bíblica, vale ressaltar que a Igreja Católica era ainda detentora de grande poder e, nesse contexto, contrariar as regras impostas pelo clero católico, em qualquer âmbito, podia levar a graves consequências. Como a influência da Igreja era ainda muito forte, as interferências na forma de se traduzir o texto sagrado eram naturais.

Ao traduzir a Bíblia Sagrada, Lutero se apoiava numa concepção já presente à época renascentista: a primazia do sentido. O sentido que Lutero buscava manter em sua tradução relacionava-se a uma consideração privilegiada, por assim dizer, da propriedade da língua alemã, aquela falada de modo natural e espontâneo pelas pessoas na rua, a língua que todos iriam entender (em oposição ao estilo carregado do clero, ao modo latinizante): isto garantiria o entendimento da palavra de Deus e, por conseguinte, sua divulgação. A fidelidade extrema, uma fidelidade representada pelo excesso de literalidade, das traduções ao texto original, era exigida pelos papistas e doutores da Igreja que, por motivos religiosos, buscavam encontrar nos feitos de Lutero – quaisquer que fossem – defeitos, com a finalidade de difamá-lo. Deve-se observar aqui que não temos em mãos, neste trabalho, qualquer documento sobre tradução advindo do clero católico à época de Lutero: a crítica à tradução de Lutero, por si só, permite-nos a afirmação.

Um exemplo de que a fidelidade total – muitas vezes representada por uma tradução extremamente literal, em que até mesmo a ordem das palavras não é modificada – pode não contribuir para a construção do sentido, que está atrelado, inclusive, a questões culturais, encontra-se na citação seguinte, de Nida:

[...] como as pessoas que não conhecem a neve podem entender uma passagem na Bíblia em que se diz “branco como a neve”? [...]

Algumas pessoas podem se opor, entretanto, e insistir que, ao menos que alguém conheça uma palavra para neve, a tradução não é adequada, pois qualquer coisa que não comunique o significado preciso do original é uma distorção. Naturalmente, nenhuma comunicação, mesmo no âmbito de uma única língua, é sempre absoluta (pois não há duas pessoas que compreendam as palavras exatamente do mesmo modo), e nós certamente não podemos esperar uma combinação perfeita entre as línguas.¹⁵ (NIDA e TABER, 1969, p.4 e p.5).

Neste trecho, percebemos que a fidelidade extrema em relação ao texto original pode causar a falta de compreensão por parte do leitor. O exemplo dado por Nida é o de uma sociedade que não conhece a neve. Uma tradução que não buscasse adaptar o conceito ou parafraseá-lo, a fim de que seu entendimento fosse vislumbrado pelo público-alvo, certamente prejudicaria a tradução em sua função comunicativa. Lutero era também favorável ao princípio da comunicação, principalmente no que dizia respeito à forma rigorosa de lidar com as propriedades da língua para a qual traduzia. O seu discurso de que a tradução deve obedecer às estruturas naturais do alemão (propriedade da língua), e não às formas de dizer em latim, serve para ilustrar sua posição.

No trecho que apresentaremos a seguir, Lutero justifica o acréscimo de uma palavra – ocorrido por força de seu rigor no tratamento da propriedade da língua – em favor de se manter o sentido do texto. Vejamos:

primeiramente, por que eu, no terceiro capítulo da *Epistola aos Romanos*, versículo 28, traduzi as palavras de Paulo, *Arbitramur hominem justificari ex fide absque operibus*, como *Sustentamos que o homem é justificado somente pela fé, sem as obras da lei*; e, além disso, nela também observa que os papistas se enfurecem extremamente porque no texto de Paulo não consta a palavra *sola* (somente) e não se poderia suportar um tal acréscimo de minha parte à Palavra de Deus etc. (LUTERO, 1530, p.95)

¹⁵ Texto original: [...] how people who have no snow can understand a passage in the Bible that speaks about “white as snow”. [...]

Some people may object, however, and insist that unless one has a word for snow, the translation is not adequate, for anything which does not communicate the precise meaning of the original is a distortion. Of course, no communication, even within a single language, is ever absolute (for no two people ever understand words in exactly the same manner), and we certainly cannot expect a perfect match between languages.

Não podemos dizer que Lutero seja é favorável a acréscimos. Adota uma postura indiferente quanto eles, desde que estes acréscimos sejam justificados para a acomodação da mensagem do original na tradução: essas acomodações, muitas vezes, são de ordem morfossintática; outras vezes, porém, obedecem à propriedade da língua, ou seja, à forma específica de se dizer algo naquela língua, em específico. É o caso do acréscimo de que tratamos: é uma questão de acomodação, cuja base se encontra na propriedade do idioma alemão, segundo justifica Lutero.

Em relação às condições para se traduzir, Lutero apresenta uma crítica – dirigida ao clero católico – apontando que nem todas as pessoas possuem as habilidades necessárias para exercer tal ofício, como vemos em: “quanta arte, aplicação, razão e entendimento compete ao bom tradutor, pois que nunca tentaram” (LUTERO, 1530, P. 97). Lutero trata de arte, aplicação, razão e entendimento ao discorrer sobre o tradutor. Podemos observar, em Nida, habilidades que são atribuídas aos tradutores. Vejamos:

Algumas das dificuldades básicas na tradução da Bíblia podem ser relacionadas ao fato de que as pessoas frequentemente possuem concepções muito equivocadas de receptor, e também de línguas de partida. Por isso, para produzir textos que se aproximem do objetivo da resposta equivalente, os tradutores geralmente precisam modificar sua concepção sobre as línguas com que estão trabalhando. Isto não inclui apenas uma mudança em algumas atitudes tendentes a situar as línguas de partida num pedestal teológico e curvar-se diante delas num ato de submissão cega, mas geralmente exige uma reflexão bastante radical sobre sua própria atitude em relação à língua-alvo, mesmo que se trate de sua língua materna.¹⁶ (NIDA e TABER, 1969, p.3)

O texto de Nida objetiva, dentre outras coisas, *educar* os tradutores da *American Bible Society*. Com este intuito, ele argumenta que o papel do tradutor não é o de apenas modificar o texto para atender o objetivo da resposta equivalente, mas também o de alterar sua concepção sobre as línguas com que se trabalha na tradução. Constantemente, a “bagagem”, ou seja, o conhecimento de mundo que o tradutor possui, influenciam suas decisões tradutórias, e Nida observa que é preciso atentar-se a isso, mostrando, assim, que é importante considerar que o conhecimento que o tradutor tem sobre a língua-alvo pode ser afetado por sua “bagagem”.

¹⁶ Texto original: Some of the basic difficulties in Bible translation can be traced to the fact that people often have quite wrong views of the receptor as well as of the source languages. Hence, to produce texts which will approximate the goal of equivalent response, translators often need to change their view of the languages in which they are working. This includes not merely a shift in some of the attitudes which tend to place the source languages on a theological pedestal and to bow down before them in blind submission, but it often requires quite a radical rethinking of one’s attitude toward the receptor language, even it is one’s mother tongue.

Esta mudança de ponto de vista proposta por Nida àqueles que desejam traduzir parece presente também no texto de Lutero, já que, nos princípios da arte e da aplicação para a tradução, está implícita a observância da propriedade de sua própria língua. Para que haja sentido, de fato, os tradutores não podem se prender às amarras das letras latinas: o texto soa artificial- no que diz respeito à propriedade da língua – e provoca enfraquecimento ou perda do sentido. Vejamos:

Pois não se tem que perguntar às letras na língua latina como se deve falar alemão, como fazem os asnos, mas sim, há que se perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir; aí então eles vão entender e perceber que se está falando em alemão com eles. (LUTERO, 1530, p. 105).

Continuando seu discurso sobre a propriedade da língua, Lutero inclui, em seus relatos, na justificativa da inclusão da palavra *sola*, o argumento da clareza. Segundo o documento, a clareza na língua seria alcançada apenas com a observância da língua (e que exigiria uma mudança de atitude em relação à língua, conforme propunha Nida em sua teoria). Vejamos:

Eles não veem que isso corresponde perfeitamente ao sentido do texto, e, quando se quer traduzir com clareza e consistência em alemão, deve estar presente, porque eu quis falar em alemão, não em latim nem em grego, quando me propus falar em alemão ao traduzir. Isso, porém, é propriedade de nossa língua alemã [...]. (LUTERO, 1530, p. 103).

Aqui podemos observar que Lutero defende a propriedade da língua alemã e que, para que seja preservada, é necessário que se escreva num registro claro e consistente. Nida também defende a clareza como um elemento presente no texto para que a tradução seja compreendida pelos receptores: neste caso, a equivalência dinâmica poderia auxiliar, já que um texto equivalente para o leitor auxilia no entendimento da mensagem produzida pelo original.

Muitas vezes, a formação de ideias em duas línguas distintas não é semelhante e, por isso, deve-se buscar uma equivalência que transmita a mensagem do texto para os leitores. Nida nos apresenta um exemplo em que é possível entender como as propriedades das línguas são diferentes entre si:

Infelizmente, em alguns casos, os tradutores têm realmente tentado “reconstruir” uma língua. Por exemplo, um missionário na América Latina insistia em tentar introduzir a voz passiva do verbo numa língua que não possuía esta forma. Naturalmente, não houve sucesso. É necessário aceitar o fato de que há muitas línguas que não possuem voz passiva. Elas simplesmente escolhem relatar os fatos na voz ativa. Mais que forçar a estrutura formal de uma língua sobre a outra, o tradutor eficaz é muito preparado para proceder a quaisquer mudanças formais

necessárias para reproduzir a mensagem em formas estruturais distintas da língua do receptor.¹⁷ (NIDA e TABER, 1969, p. 4).

Em contato com a Carta de Lutero, notamos como as estruturas das línguas são diferentes e, por essa razão, é importante que o tradutor tenha consciência de que a língua para qual traduz possui características próprias, o que aumenta a necessidade de se proceder a alterações e adaptações na tradução. Retomando o exemplo da última citação: o sentido do texto está inserido na equivalência de termos e expressões que carregam a mensagem, e por isso, numa língua que não possua estruturas de voz passiva, ou na qual sejam raras, os leitores não compreenderão tal estrutura, já que não está presente na propriedade da língua, e menos ainda, nas formas de organização linguística do pensamento de seus leitores.

Ainda sobre propriedade – tema predominante na Carta Aberta – Lutero denuncia sua ausência ocasionada por uma seleção lexical inadequada, advinda certamente de uma tradução muito literal. Segundo Lutero, esse tipo de construção, que atribui a um vocábulo possibilidades significativas por meio do decalque, prejudica o sentido, como vemos a seguir:

Que alemão entende o que significa *cheia de graça*? Ele deve pensar num barril cheio de cerveja, ou num saco cheio de dinheiro; por isso eu traduzi: *Du holdselige* [agraciada], com o que um alemão pode imaginar muito melhor o que o anjo quer dizer com sua saudação. Mas aqui os papistas se enfurecem comigo porque eu teria pervertido a saudação angelical, muito embora eu, com isso, ainda não tenha encontrado o melhor alemão. Se eu tivesse aqui tomado o melhor alemão e traduzido a saudação: *Gott grüße dich, du liebe Maria* [Deus te saúda, querida Maria] (pois isto tudo o anjo quer dizer, e assim ele teria falado, se tivesse querido saudá-la em alemão), creio que eles mesmos se enforcariam por excesso de zelo para com a *querida Maria*, porque eu teria aniquilado a saudação. (LUTERO, 1530, p. 107)

O leitor conseguirá entender o que se quis dizer com *voll Gnade*. Isto, contudo, não revela a expressão mais espontânea ou natural da língua, ou seja, não é a forma mais natural (respeitando-se a propriedade da língua) de se dizer isto em alemão. A relação com a teoria de Nida aqui se dá por meio da própria noção de equivalência, presente justamente na opção de tradução de Lutero para a expressão “cheia de graça” (*voll Gnade*, para o clero católico; *holdselige*, para Lutero). Em *voll Gnade* ocorre o que expusemos há pouco: a palavra *voll*

¹⁷ Texto original: Unfortunately, in some instances translators have actually tried to “remake” a language. For example, one missionary in Latin America insisted on trying to introduce the passive voice of the verb into a language which had no such form. Of course, this was not successful. One must accept the fact that there are many languages which do not have a passive voice. They merely choose to report actions only as active. Rather than force the formal structure of one language upon another, the effective translator is quite prepared to make any formal changes necessary to reproduce the message in the distinctive structural forms of the receptor language.

adquire uma possibilidade significativa até então não prevista segundo o seu uso. E, segundo Lutero, não se trata de enriquecimento, mas de ofensa à propriedade da língua. O seu procedimento tradutório, ao traduzir “cheia de graça” por *holdselige* nada mais é que a busca de um equivalente, havendo aqui, por isso, um ponto comum com o pensamento sobre tradução de E.Nida.

Se a propriedade da língua defendida por Lutero é aquela que – por razões históricas, sociais e políticas – deve ser observada na forma espontânea em que se realiza a língua na praça, nas ruas, em casa (ou seja, fora dos muros dos mosteiros), então é certo que o elemento central de sua tradução é o público-alvo que, do viés teológico, é colocado em primeiro lugar como aquele que deve ter acesso à palavra sagrada. Nida, em sua teoria, coloca o público-alvo da tradução também num lugar privilegiado, por considerar, principalmente, a função comunicativa da tradução. Com o intuito de ilustração, apresentamos abaixo um trecho em que ele discorre sobre a reação do receptor ao texto traduzido:

Anteriormente a ênfase das traduções recaía na forma da mensagem, e os tradutores ficavam especialmente satisfeitos por conseguirem reproduzir particularidades estilísticas, por exemplo, ritmos, rimas, jogos de palavras, quiasmos, paralelismos, bem como estruturas gramaticais pouco comuns. A nova ênfase, contudo, deslocou-se da forma da mensagem para a reação do receptor. Assim, o que se deve determinar é a reação do receptor.¹⁸ (NIDA e TABER, 1969, p. 1).

Nida discorre sobre como era a antiga preocupação dos tradutores, em particular nas traduções de textos bíblicos (considerados textos sensíveis), uma vez que, ao fazer uma alteração na forma do texto, ela poderia ser entendida também como uma modificação relacionada diretamente à palavra de Deus. Assim, os tradutores se contentavam em conseguir manter o ritmo e as rimas do texto original no texto traduzido. Contudo, o que deveria ser priorizado – e, de fato, passa a ser priorizado atualmente – era a reação do receptor face ao sentido transmitido de forma mais completa possível. O leitor poderia não estar familiarizado com as estruturas do texto original e, por isso, uma tradução muito “próxima do original” faria com que o sentido do texto fosse perdido.

Já muitas vezes mencionamos a questão da propriedade da língua, tema predominante na Carta Aberta. A propriedade muitas vezes pode ser notada em estruturas

¹⁸ Texto original: The older focus in translations was the form of the message, and translators took particular delight in being able to reproduce stylistic specialties, e.g., rhythms, rhymes, plays on words, chiasmus, parallelism, and unusual grammatical structures. The new focus, however, has shifted from the form of the message to the response of the receptor. Therefore, what one must determine is the response of the receptor.

linguísticas que incluem as expressões idiomáticas. Estas últimas se destacam, quando tratamos de propriedade, pois carregam significativa importância cultural, e a tradução de tais expressões é uma tarefa árdua e delicada. Nida nos mostra como a tradução errônea dessas expressões pode alterar o sentido do texto:

Expressões idiomáticas (idiomatismos) são alguns dos “candidatos” a ajustes semânticos, pois o fato de que são idiomatismos significa ser pouco provável que o mesmo tipo de forma distintiva terá o mesmo significado em outra língua. [...]

Frequentemente, expressões idiomáticas são alteradas para expressões não-idiomáticas num processo de tradução. Por exemplo, “to gird up loins of mind” (1 Pedro 1:13) pode ser traduzido por “to get ready in one’s thinking”.¹⁹ (NIDA e TABER, 1969, p. 106).

Notamos como as estruturas e expressões do original podem ser mal interpretadas na tradução, afetando, naturalmente, o sentido. O fato de a tradução equivocada de expressões idiomáticas afetar o sentido (negativamente) permite-nos uma relação com o conteúdo da Carta Aberta, quando Lutero afirma: “Pois as letras latinas dificultam muito a formulação para se falar em bom alemão” (LUTERO, 1530, p.105), em que se destaca que as estruturas latinas atrapalham a naturalidade (ou propriedade) da língua alemã. A tradução lida com sistemas linguísticos distintos, cada um com expressões únicas, cujos correspondentes podem ser outras expressões, por sua vez diversas das primeiras. Ou seja: dificilmente se constrói uma figura ou expressão com os mesmos elementos em duas línguas.

No tocante a ser uma tradução considerada correta ou incorreta – envolvendo problemas de seleção lexical e formação de expressões a público-alvo, Nida expõe:

Mesmo a velha pergunta “trata-se de uma tradução correta?” deve ser respondida considerando-se outra questão, a saber: “Para quem?” A correção deve ser determinada se perguntamos em que medida será provável que o leitor médio, para o qual aquela tradução foi concebida, conseguirá entendê-la corretamente. [...]

Isso significa que vários níveis de tradução, em relação a vocabulário e estruturas gramaticais, são requeridos, se todas as pessoas precisam ter oportunidades iguais para que compreendam a mensagem.²⁰ (NIDA e TABER, 1969, p.1 e p.2).

¹⁹ Texto original: Idioms (see p.89) are some of the most obvious candidates for semantic adjustments, for the very fact that they are idioms means it is unlikely that the same type of distinctive form will have the same meaning in another language. [...]

Frequently idioms are shifted to nonidioms in the process of transfer. For example, “to gird up loins of the mind” (1 Peter 1:13) may be transferred as “to get ready in one’s thinking”.

²⁰ Texto original: Even the old question: Is this a correct translation? must be answered in terms of another question, namely: For whom? Correctness must be determined by the extent to which the average reader for which a translation is intended will be likely to understand it correctly. [...]

Como percebemos, a própria possibilidade de se afirmar a correção ou incorreção de uma tradução, em Nida, dá-se por meio da definição do público-alvo, isto é, a correção da tradução parece depender, num primeiro momento, da definição do público-alvo, o que torna o conceito, no mínimo, relativo. Disto, podemos pressupor que a definição do público-alvo é importante diretriz para que se construa uma estratégia de tradução, concepção que contribui para a releitura que propomos da Carta Aberta, já que, ainda que em muitas vezes serem justificadas determinadas passagens com base na propriedade da língua, a observância desta propriedade se dá, não apenas, mas também em função do público-alvo, uma visão, por assim dizer, consagrada, uma vez percebidos diversos trabalhos de literatura secundária sobre Lutero como tradutor que considera, em primeira linha, o público-alvo (cf. Capítulo 1).

Acerca do que comentamos sobre a relatividade da correção de uma tradução, em Nida, um conceito relativo em relação à definição do público-alvo, convém apontar mais um importante ponto de contato com a Carta Aberta: nela, Lutero discorre sobre o fato de não existir apenas uma tradução possível para a Palavra, o que fica claro quando aponta o fato de sua tradução ter sido tomada por outro, e remendada. Uma vez tendo aceitado os “remendos”, por não desfigurarem o sentido do texto, admite, naturalmente mais de uma possibilidade de tradução. Convém lembrar: a admissão de diferentes traduções para um mesmo texto, em Lutero, é válida desde que não se prejudique o sentido, como vemos em: “Mas o que ele remendou e alterou em uns poucos lugares, ainda que nem tudo me agrada, bem o posso tolerar, e não me incomoda particularmente, porque não afeta o texto.” (LUTERO, 1530, p.99)

Mais uma vez a concepção de Nida, de que não existe uma equivalência “perfeita”, é reforçada, já que não existe apenas uma tradução possível para texto. A intenção de uma tradução, para Nida (tradutor que prezava a comunicação), é facilitar a comunicação entre autor e leitor e, assim como não é possível haver equivalência “perfeita”, não o é também uma comunicação absoluta. Podemos notar no trecho “Naturalmente, nenhuma comunicação, mesmo no âmbito de uma única língua, é sempre absoluta (pois não há duas

This means that several different levels of translation, in terms of vocabulary and grammatical structures, are required, if all people are to have essentially equal opportunities to understand the message.

peças que compreendam as palavras exatamente do mesmo modo), e nós certamente não podemos esperar uma combinação perfeita entre as línguas.”²¹ (NIDA e TABER, 1969, p.5).

Deste breve diálogo, cujo intuito foi aproximar as concepções de tradução de Martinho Lutero (*Carta Aberta sobre a Tradução*) e Eugene Nida (*Teoria da Equivalência Dinâmica*), concluímos alguns pontos consonantes, cujo aprofundamento ficará reservado a trabalhos futuros.

Lutero e Nida possuem como objeto comum a tradução bíblica, permeada por elementos históricos, culturais e sociais diversos, haja vista a distância entre os relatos do reformador e os apontamentos do teórico. Não obstante a distância e os fatores culturais que os separam, foi possível constatar, como pontos consonantes, que ambos os autores privilegiam a função comunicativa da tradução e, no interior de sua função comunicativa, o público-alvo, um dos elementos do processo tradutório. Em alguns momentos, parece que o destaque do público-alvo no processo tradutório, em Lutero, ocorre por via indireta, a saber, por meio das referências à propriedade da língua, predominantes em sua Carta; enquanto, em Nida, o posicionamento do público-alvo no processo de tradução como elemento privilegiado é explícito. Ambos defendem uma tradução que preza pelo sentido sobre todas as coisas.

As concepções apresentadas refletem-se: em Lutero, a busca pelo sentido numa língua (traduzida) natural, que obedeça a suas propriedades (e particularidades), e uma tradução que comunique de fato a determinado público por meio, principalmente, de uma seleção lexical adequada (levando-se em conta aqui também os modos de dizer) encontra ressonância na teoria da equivalência dinâmica de Nida.

²¹ Texto original: Of course no communication, even within a single language, is ever absolute (for no two people ever understand words in exactly the same manner), and we certainly cannot expect a perfect match between languages.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi concebido com o objetivo principal de demonstrar a possibilidade de diálogo entre questões de tradução advindas de épocas distintas, em que predominavam também concepções distintas de tradução.

Lutero foi uma figura importante na história cultural alemã. A Renascença alemã, em que se costuma incluir os trabalhos de Lutero, não coincide cronologicamente com o movimento humanista (próprio da Renascença) de outros países. Ela se inicia mais tarde, e os temas predominantemente tratados na literatura de outros países, com o “renascimento” dos textos antigos, principalmente por meio da tradução, ultrapassa os marcos temporais geralmente fixados pelos compêndios e se estende até o fim do século XVII.

Através da disputa de poder com os principados nos territórios de fala alemã, a Igreja Católica, aos poucos, vai perdendo força. Lutero vê aí ambiente propício para contestar práticas da Igreja e, neste mesmo período, traduz a Bíblia Sagrada. Homem à frente de seu tempo, Lutero se alinha, em sua tradução, a expedientes da teoria tradutória renascentista. Marca sua tradução principalmente a defesa da primazia do sentido e do público-alvo.

A teoria da equivalência dinâmica de Eugene Nida, com que buscamos traçar um diálogo, encontrou no século XX um ambiente de recepção menos agitado, pois já era praticamente consensual – mesmo se tratando do texto bíblico – a primazia do sentido. Em sua teoria, Nida discute como isto pode ocorrer com naturalidade, ao discutir e confrontar equivalência dinâmica e correspondência formal.

Como mencionado, o fato de Lutero e Nida terem como objeto de tradução e de discussões sobre a tradução o mesmo ponto de partida – a Bíblia Sagrada – motivou e, de certa forma, facilitou a seleção de material para este trabalho.

Consideramos os relatos de tradução de Lutero, na Carta Aberta sobre Tradução (*Sendbrief vom Dolmetschen*), de vital importância para as discussões sobre questões tradutórias que se repetem a todo o tempo e que, ainda hoje, parecem não ter encontrado consenso.

A teoria da equivalência dinâmica de Nida tem como pressuposto que o sentido do texto deve ser preservado e deve ter privilégio sobre a correspondência formal. Em seu texto, Nida aborda aspectos como expressões idiomáticas e termos que não possuem equivalentes

“perfeitos” entre uma língua e outra e, por essa razão é importante buscar equivalentes que sejam capazes de transmitir a mensagem que o texto original carrega para que os leitores consigam entender o texto de forma mais natural possível.

Ao buscarmos traçar um diálogo entre os relatos da Carta Aberta e a teoria dinâmica de Nida, encontramos as seguintes semelhanças: os autores, embora estivessem em épocas distintas, defendiam uma concepção de tradução que buscava a preservação do sentido; eles também se importavam com o público-alvo e a propriedade da língua para a qual estavam traduzindo.

Assim, foi possível perceber que, não obstante o lapso temporal que separa os relatos de Lutero da teoria de tradução de Nida, os dois autores possuem em comum uma concepção que privilegia sobretudo a propriedade da língua e o público-alvo, temas constantes também de outras teorias de tradução e que parecem ser matéria principal no âmbito dos Estudos da Tradução, uma vez capaz de definir as estratégias e os projetos que lidam com a tradução de textos de qualquer época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Pr. Levy da Costa. **Lutero como Tradutor**. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/lutero-como-tradutor>>, Acesso em: 09 dez. 2018, 15:00.
- BÍBLIA Ave-Maria. São Paulo: Ave-Maria, 2006. 1671 p.
- Bíblia Ave-Maria vs Vulgata latina**. Disponível em: <<https://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria-vs-vulgata-latina/romanos/3/>>, Acesso em: 08 mar. 2019, 10:00.
- Bíblia João Ferreira de Almeida**. Disponível em: <<http://biblia.com.br/joao-ferreira-almeida-atualizada/>>, Acesso em: 08 mar. 2019, 9:00.
- DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história**. São Paulo: Ática, 2003. 359 p.
- FROHLICH, Luciane Reiter. **Sendbrief Vom Dolmetschen de Martinho Lutero**. 2004. 87 f. Dissertação (Mestre em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- KIM, Dohun. Dynamic Equivalence: Nida’s Perspective and Beyond. **SKASE Journal of Translation and Interpretation** [online]. v. 8, nº. 1, p. 60-75. 2015.
- LUTERO, Martinho. “Carta aberta sobre a Tradução”. Trad. de Mauri Furlan. In: **Clássicos da Teoria da Tradução**. Antologia bilíngue, v. 4, p. 95-115. Renascimento. Florianópolis: NUPLITT, 2006.
- NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. **The Theory and Practice of Translation**. Leida: Brill, 1969.
- RODRIGUES, C.C. **Tradução e Diferença**: Uma proposta de desconstrução da noção de equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- VANDERLINDE, Tarcísio. Interferências em “Poéticas Alemãs no século XVII: uma teoria da tradução”. **Espaço Plural**, Paraná, nº18, p. 141-143. 1º Semestre 2008.